

ESCATOLOGIA, POLÍTICA E *AMERICAN WAY* NO PENSAMENTO DE TIM LAHAYE (1970-1980)

Daniel Rocha¹

RESUMO: Esta comunicação busca analisar as relações que se estabeleceram entre crenças escatológicas, discursos e práticas políticas e defesa do excepcionalismo norte-americano nas obras do pastor e, também, um dos líderes da chamada Direita Cristã norte-americana Tim LaHaye. Embora tenha ganhado destaque mundial, mesmo fora dos ambientes propriamente religiosos, com a série de “ficção apocalíptica” *Left Behind*, escrita em parceria com Jerry Jenkins, Tim LaHaye já possuía grande visibilidade no ambiente fundamentalista norte-americano já na década de 1970. O foco de nosso trabalho será na produção bibliográfica e na militância político-religiosa de LaHaye na década de 1970 e início da década de 1980, onde o contexto da Guerra Fria e a ascensão da Direita Cristã tiveram grande influência em suas obras. Inicialmente, traçar um breve panorama do fundamentalismo protestante norte-americano na década de 1970, especialmente em suas ênfases teológicas e em sua mobilização política. Em seguida, analisaremos o pensamento teológico – especialmente no terreno da escatologia - e político de Tim LaHaye esboçado em algumas de suas obras mais importantes do período, como *The beginning of the end* (1972) e *The battle for the mind* (1980). Por fim, buscaremos mostrar a interpenetração de elementos da escatologia dispensacionalista, do discurso da direita cristã e da defesa dos “valores do *American way*” durante o período analisado.

Palavras-chave: História dos Estados Unidos; Fundamentalismo; Escatologia; Direita Cristã.

I

Nos Estados Unidos, o início da década de 1970 cheirava à crise. E uma crise sem precedentes, especialmente nos discursos de várias lideranças politicamente conservadoras e religiosamente fundamentalistas. Poderíamos dizer que foi uma época em que as expectativas apocalípticas não davam espaço para sonhos milenaristas. O momento era propício para a proliferação de perspectivas escatológicas pessimistas, das quais, a interpretação pré-milenaristaⁱ/dispensacionalistaⁱⁱ se destacou, tornando-se, praticamente, a grande narrativa sobre os tempos do fim no imaginário religioso norte-americano. A segunda metade do século XX, no pensamento dos cristãos fundamentalistas, foi um período de ocorrência de notórios sinais do fim iminente. E em meio a tal proliferação de sinais é que os textos dispensacionistas de figuras como Tim LaHaye e Hal Lindsey encontraram o combustível necessário para o desenvolvimento de suas interpretações dos textos escatológicos.

1 Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. Bolsista da CAPES. Atualmente é professor substituto no Departamento de História da UFMG. E-mail: danielrochabh@yahoo.com.br

Além disso, também encontraram um imenso público ávido por explicações sobre os planos de Deus em um período extremamente turbulento. A repercussão de, por exemplo, *The Late Great Planet Earth* de Hal Lindsey, com suas vendas na casa dos 30 milhões de exemplares, tornando-se o livro de não ficção mais vendido na década de 1970, demonstra o clima propício para a proliferação de tais ideias. O local de produção das obras de Lindsey e LaHaye é marcado por vários fatores e movimentos que vão refletir diretamente nos escritos desses autores. Os sinais do fim dos tempos estavam estampados nas manchetes do dia: “A coisa que espanta aos que têm estudado as Escrituras proféticas é que aguardamos o cumprimento destas profecias em nossa época. Alguns dos acontecimentos futuros, preditos há centenas de anos, soam como se estivéssemos lendo os jornais de hoje” (LINDSEY; CARLSON, 1973, p. 19).

No âmbito externo, a criação do estado de Israel em 1948 foi o estopim para uma grande onda de previsões e reinterpretações das profecias bíblicas. Muitos viram nesse evento o cumprimento da profecia do capítulo 37 do livro do profeta Ezequiel onde Javé diz ao povo de Israel, através do profeta: “Abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel” (Ez 37:12). Toda a trama escatológica estaria ligada a esse ressurgimento de Israel. Aliado ao poder destrutivo sem precedentes dos armamentos nucleares, que poderiam, de fato, causar um fim do mundo literal, o cumprimento da profecia sobre o ressurgimento de Israel daria início à contagem regressiva para o fim dos tempos. A retomada da cidade de Jerusalém pelos israelenses em 1967 e o permanente clima de tensão e hostilidade no Oriente Médio também eram vistos como claras evidências da proximidade do fim.

O contexto da Guerra Fria e episódios como a Crise dos Mísseis em Cuba de 1962 colocavam os norte-americanos em um estado de permanente apreensão e, em alguns casos, de pânico. O clima de polarização mundial e a ainda forte presença de um ambiente anticomunista nos Estados Unidos deu contornos mítico-religiosos à disputa: a América Cristã X o comunismo ateu. A partir do final da Segunda Grande Guerra e da polarização entre EUA e URSS, o comunismo entrou na ordem do dia do fundamentalismo, e a Guerra Fria passou a ser vista como uma antessala do fim dos tempos e um sinal de que Cristo em breve retornaria. As lideranças fundamentalistas não viam o comunismo apenas como uma ideologia política antagônica. Na verdade, o comunismo era visto sim como uma expressão político/religiosa de uma modernidade que havia virado as costas para Deus. O objetivo do comunismo seria desvirtuar os valores, colocar o Estado no lugar de Deus e banir o

cristianismo da face da Terra. A União Soviética e seus aliados passaram a ser vistos, a partir das interpretações dispensacionalistas de Lindsey, LaHaye e outros, como um grande poder maligno que daria início aos conflitos mundiais que precederiam a Segunda Vinda de Cristo. Tornou-se um consenso entre os aficionados nas profecias do período a identificação da União Soviética com Gogue e Magogue, um poderio bélico vindo do norte que, segundo as profecias dos capítulos 38 e 39 do profeta Ezequiel, atacaria Israel nos últimos dias dando início a um enorme conflito que acabaria com a intervenção divina para pôr fim à batalha.

Apesar de os sinais externos revelarem, para os intérpretes das profecias, muito dos conflitos futuros e dos seus personagens – União Soviética e todo o bloco comunista, especialmente a China; a Comunidade Econômica Europeia, vista como o futuro Império Romano redivivo (reino do Anticristo que há de surgir); e Israel e seus inimigos árabes –, os Estados Unidos, por mais que alguns, especialmente LaHaye, façam esforços hercúleos para encontrá-los nos textos apocalípticos, não aparece como um dos protagonistas da trama do fim dos tempos. Entretanto, é a partir de lá, de questões internas, que os autores dispensacionalistas conseguem enxergar vários e vários sinais da proximidade do fim. A antes nação eleita e “projeto-piloto” do reino milenar de Cristo na Terra, agora se tornou um exemplo do afastamento da humanidade das verdades divinas, e da depravação moral que precederá o fim dos tempos. Os dispensacionalistas apontavam para alguns “sintomas” do fim que podiam ser observados nos EUA da virada da década de 1960 para 1970: aumento do uso de drogas aliado a novas formas de religiosidade não cristãs – inclusive o satanismo explícito – que emergiram no rastro dos movimentos de contracultura; o afastamento de muitas igrejas cristãs das verdades fundamentais do cristianismo; o movimento ecumênico; o declínio do poderio bélico e econômico dos EUA; a decadência dos *family values*, etc. Os últimos dias seriam sombrios para a nação que um dia foi sonhada como um prenúncio da implantação do reino de Deus na Terra:

Os Estados Unidos deixarão de liderar o mundo ocidental; em matéria de finanças, a Europa ocidental estará em evidência, tomando a dianteira. O caos político interno, causado pelas rebeliões de estudantes e subversão dos comunistas, começará a carcomer a economia de nosso país. A falta de princípios morais em líderes e cidadãos enfraquecerá a lei e a ordem, ao ponto de resultar num estado de anarquia. O poderio militar dos Estados Unidos, embora presentemente o maior do mundo, já se encontra neutralizado, porque ninguém tem a coragem de fazê-lo se impor decisivamente. Ao colapso econômico seguir-se-á o das forças armadas. O único meio de frear este declínio da América seria um despertamento espiritual em larga escala (LINDSEY; CARLSON, 1973, p. 171).

No discurso dispensacionista que se propagou pelo ambiente evangélico com destaque na década de 1970, os mil anos de felicidade só seriam possíveis após o retorno de Cristo em glória. A esperança quanto a um “futuro melhor” estaria relegada ao pós-história. Virá “após a progressiva deterioração do mundo por causa da maldade humana causada pelo pecado” (MENDONÇA, 2004, p. 70). Portanto, não haveria motivos para nenhum otimismo quanto ao futuro da humanidade e quanto à possibilidade da construção de um mundo melhor através da ação humana. O pré-milenarismo seria, na opinião de Paulo Siepierski (2004, p. 81), o “responsável” por uma separação do mundo por parte daqueles que o confessam. “Essa separação revela-se, por exemplo, no desprezo ao prazer, no isolamento cultural, na passividade sociopolítica e no pessimismo em relação a qualquer esforço para transformação da sociedade”.

O movimento fundamentalista protestante, após a desastrosa repercussão do caso Scopes em 1925, manteve uma atitude, no geral, condizente com a “passividade sociopolítica” que caracterizaria a crença pré-milenarista que era compartilhada pela imensa maioria das igrejas e grupos considerados fundamentalistas. Criaram suas próprias denominações, abandonando as grandes organizações nacionais das igrejas do protestantismo histórico (presbiterianos, episcopais, metodistas, etc.) que, segundo eles, haviam se tornado extremamente liberais em questões teológicas e permissivas em questões morais. Também organizaram as próprias escolas com o objetivo de tentar criar “ilhas” de genuína educação cristã em meio a uma sociedade que havia virado as costas para os valores do cristianismo. Portanto, podemos dizer que as igrejas e grupos fundamentalistas norte-americanos criaram seu “universo paralelo” dentro de uma sociedade que consideravam por demais secularizada. O grande foco estava no trabalho de evangelização, ganhando grande destaque, especialmente a partir da segunda metade do século XX, as grandes cruzadas evangelísticas nacionais e o cada vez mais explorado uso da mídia. As questões políticas e sociais, quando abordadas, eram mostradas de forma negativa, exemplos de corrupção, incredulidade e malignidade que marcam um mundo que se rebelou contra as verdades eternas de Deus. A verdadeira salvação não está em tais questões “mundanas”. Esse mundo que “jaz no Maligno” está condenado e o papel dos cristãos e das igrejas é tentar levar o maior número possível de “almas para Jesus” antes de serem arrebatados aos céus e da grande tribulação que sobrevirá culminando na batalha do Armagedom. Seria um tipo de mentalidade que casaria perfeitamente com os esperados “efeitos do pré-milenarismo” como colocado por Siepierski. Os mil anos de felicidade só seriam possíveis após o retorno de Cristo em glória.

II

Se no início da década de 1970, embaladas pelo discurso da iminência do fim dos tempos e por uma crença na irreversibilidade da espiral de depravação da sociedade norte-americana, o apoliticismo e uma certa mentalidade de gueto marcavam as práticas e discursos das lideranças fundamentalistas norte-americanas, alguns anos depois o quadro já poderia ser pintado com cores diferentes. Vários atos do Executivo, do Congresso e do Judiciário tornaram-se alvo de pesadas críticas das lideranças religiosas. E, a partir dos primeiros anos da década de 1970, algumas dessas lideranças abandonaram o discurso derrotista e de certa conformidade com a “degradação” moral nacional e começaram a se mobilizar no sentido de “resgatar” a influência das virtudes cristãs na sociedade e de combater a iniquidade que proliferava na esfera pública. Em um terreno que já se apresentava propício para o crescimento de tendências conservadorasⁱⁱⁱ, ações do governo durante a década de 1970 que, segundo os fundamentalistas, interferiam na autonomia de suas escolas e universidades particulares (questões relativas ao pagamento de tributos e, especialmente no sul, de combate à presença de práticas segregacionistas) e as decisões da Suprema Corte sobre o fim das orações nas escolas públicas e, especialmente, o caso *Roe vs. Wade* de 1973 em que foi reconhecido o direito ao aborto nos EUA, serviram como estopim para a mobilização política das lideranças fundamentalistas. Jerry Falwell, conhecido pastor conservador batista, que possuía um programa de TV de enorme audiência, toma a frente do movimento que recebe o nome de Maioria Moral. Esse movimento se tornou uma grande força política nos EUA e tinha como principais bandeiras: a defesa dos “valores da família” (o que incluía a oposição ao aborto em qualquer caso, o combate à expansão dos direitos dos homossexuais e, também, a restrição à pornografia); a volta da prática das orações e o ensino do criacionismo nas escolas públicas; o combate à disseminação do comunismo juntamente com uma defesa ferrenha do capitalismo e do “modo de vida” americano; a defesa de uma postura Pró-Israel por parte do governo norte-americano (talvez uma influência direta das ideias de Lindsey); entre outras.

Com essa organização como grupo de pressão e com o enorme espaço na mídia que várias lideranças do movimento possuíam, especialmente Falwell e Pat Robertson, essa nova Direita Cristã ganhou cada vez mais espaço na arena política norte-americana, tanto na oposição a políticos que não abraçavam suas bandeiras quanto no apoio aos que simpatizavam com sua luta. Sua força foi fundamental na eleição e durante o governo Reagan, tornando-se um elemento importantíssimo para a virada conservadora na política norte-americana. O discurso perdeu o tom predominantemente pessimista, e a possibilidade de uma reconciliação

com seu Deus, com seus valores fundacionais e com seu papel redentor da humanidade começaram a fazer parte da retórica político-religiosa de algumas lideranças fundamentalistas. A palavra de ordem era ocupar as instâncias de poder e trazer o país de volta aos seus valores cristãos. Entretanto, as crenças escatológicas da maioria dessas lideranças – especialmente de Jerry Falwell – que agora desfilavam com desenvoltura na arena política era o velho dispensacionalismo pré-milenarista (aquele mesmo que alguns criam ser o fator determinante de uma recusa à participação política).

Mesmo os grandes “gurus” do dispensacionalismo, apesar de continuarem a advogar a iminência do fim e a leitura dos sinais dos tempos nos noticiários do dia, começam a adotar discursos e práticas que se distanciavam bastante daqueles que se aguardaria de pessoas que acreditam na inexorável deterioração da sociedade e vivem a expectativa de sofrerem um repentino arrebatamento^{iv}. LaHaye aproxima-se de Falwell e torna-se uma das lideranças dessa nova direita cristã. Segundo Urban (2006), nas últimas décadas do século XX, Tim LaHaye surgiu não apenas como teólogo responsável pela disseminação das crenças dispensacionalistasma, também, como uma das figuras mais influentes na Direita Cristã americana. Quando o *Institute for the study of American Evangelicals* decidiu eleger o mais influente líder evangélico dos últimos 25 anos, eles não escolheram Billy Graham, Pat Robertson ou Jerry Falwell, mas sim Tim LaHaye, em grande parte por causa de sua participação na política evangélica. Lindsey, que antes falava do caminho rumo à decadência como poderio militar e econômico, no âmbito externo, e à total depravação moral, no âmbito interno, começa a mudar um pouco seu discurso, especialmente em relação ao papel a ser desempenhado pelos Estados Unidos no fim dos tempos. No início da década de 1980, os prognósticos apocalípticos de Lindsey passam a vir junto com grandes elogios ao capitalismo e a recorrentes falas sobre o papel do governo e do povo norte-americano em se manterem como um bastião da fé cristã e um modelo de sociedade que deve iluminar o mundo. E, mesmo nos momentos finais da história humana, tal papel de farol para o mundo deveria ser assumido tanto no combate à disseminação de crenças satânicas na esfera política (qualquer coisa que “cheirasse” a comunismo) quando na forte presença da fé cristã entre seus cidadãos e na ordenação da sociedade e das leis.

Por que se engajar politicamente se não podemos esperar nada de melhor deste mundo antes da volta de Jesus? Se o advento de uma sociedade justa e realmente cristã só ocorrerá no reinado milenar de Cristo – após a humanidade se destruir em uma série de conflitos que culminarão na batalha do Armagedom – por que lutar pela promulgação de leis

“cristãos” ou contra a tramitação de leis inspiradas pelo demônio (direito ao aborto, ampliação dos direitos dos homossexuais, etc.)? Como motivar os cristãos a participarem da vida política se as crenças escatológicas dizem que nenhum desses esforços logrará êxito no longo prazo? Como buscar uma sociedade cristã se as instituições mundanas estão sob influência demoníaca e todo o planeta será em breve subjugado por uma liderança política manipulada pelo próprio Satanás? Se a derrota na arena política é inevitável, por que lutar? Se uma dada concepção sobre o fim último deveria, em tese, determinar em grande parte a *práxis* política de um indivíduo ou de grupo de indivíduos que a confessam, como entender a aparente incoerência na combinação de uma perspectiva escatológica extremamente pessimista e voltada para o pós-história e um comportamento político que deixa o isolacionismo de lado e se engaja numa luta política pelo destino da nação? O projeto de “re-cristianização” dos Estados Unidos não seria mais condizente com o sonho pós-milenarista da construção de reino de Deus na Terra precedendo a Segunda Vinda?

Para tentar compreender essa aparente contradição é importante analisarmos os textos de Tim LaHaye, um dos fundadores e uma das lideranças mais destacadas da Maioria Moral e, ao mesmo tempo um dos maiores disseminadores das crenças dispensacionista, tendo se tornado, anos mais tarde, o autor mais bem sucedido do dispensacionismo com a sua série de ficção apocalíptica *Left Behind*, escrita em coautoria com Jerry Jenkins^v. Pastor batista na Califórnia, LaHaye pastoreava uma grande igreja na região de San Diego e foi responsável pela implantação de várias escolas cristãs na Califórnia. Diferentemente de Lindsey que, embora tenha escrito livros sobre outros temas, se notabilizou por seus escritos sobre escatologia, LaHaye escreveu vários livros de sucesso sobre diferentes áreas da vida cristã, especialmente sobre o combate à depressão, o controle do temperamento e, inclusive, sobre preceitos para uma vida sexual sadia para os casais cristãos. Junto com sua esposa Beverly, LaHaye escreveu *The Act of Marriage: The Beauty of Sexual Love* que vendeu mais de 2,5 milhões de cópias^{vi}. No terreno da escatologia, LaHaye teve muito sucesso ainda nos anos 1970 com seu livro *Begginning of the End* (1972) e mais uma série de outros trabalhos, onde advoga as crenças básicas do fundamentalismo, enfatizando a postura pré-tribulacionista em relação ao Arrebatamento.

LaHaye também foi uma das mais importantes lideranças do processo de politização do discurso fundamentalista no final da década de 1970 e início da década de 1980. Foi um dos apoiadores de primeira hora dos posicionamentos de Jerry Falwell e junto com ele foi um dos fundadores da Maioria Moral. Juntamente com *Listen America!* de Jerry Falwell e do *Christian Manifesto* de Francis Schaeffer, talvez a obra de mais importância para o delineamento

dos discursos e atuação da Maioria Moral tenha sido *The Battle for the Mind* (1980) de LaHaye. Nela o autor mostra como os Estados Unidos foram sendo corrompidos pelo que ele chama de “humanismo secularista” que vinha ganhando o controle cultural da nação através da educação, da mídia, das organizações na sociedade civil e do próprio governo. Ele repete, em seus termos, o discurso da “maioria silenciosa” e da necessidade de líderes que venham trazer esses americanos conservadores para dentro da arena política: “a sleeping giant was out there, waiting for someone to lead them, anxious to do something before it was too late to stop the destruction of our nation” (LAHAYE, 1980, p. 201). *Battle for the Mind*, nos termos de Hunter, pode ser visto como um manifesto declarado de chamamento dos cristãos para uma *culture war* ou, numa expressão mais espiritualizada, para uma luta pela alma da nação. Os humanistas vêm profanando a santidade dos Estados Unidos não respeitando nem a herança cultural dos Pais Peregrinos^{vii}.

LaHaye se mostra ciente da questão dispensacionalismo X engajamento político. Para ele, dispensacionalismo não é sinônimo de apatia. LaHaye critica aqueles que, por verem como inevitável o avanço do mal nos últimos dias, se abstém da participação das questões políticas: “This is unscriptural! We are commanded to resist the devil and to put on the whole armor of God, that we may be able to withstand in the evil Day” (LAHAYE, 1980, p. 217). Embora LaHaye também siga as interpretações das profecias numa perspectiva muito próxima da de Lindsey, ele tem um posicionamento mais otimista quanto às possibilidades em relação ao papel dos Estados Unidos nos tempos do fim. Ele inclusive tem uma interpretação *sui generis* da profecia de Ezequiel 38 e 39, onde ele faz uma “acrobacia exegética” para encontrar os Estados Unidos entre os inimigos de Gogue. Interpretando uma passagem onde Deus fala das intenções malignas de Gogue de se apoderar das riquezas de Israel, LaHaye coloca seu foco no versículo 13 do capítulo 38 de Ezequiel que diz o seguinte: “Sebá e Dedã, e os mercadores de Társis, e todos os seus leõezinhos te dirão: Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste a tua multidão para arrebatar a tua presa? Para levar a prata e o ouro, para tomar o gado e os bens, para saquear o grande despojo?” Ele fala da dificuldade para se identificar quem seriam Sebá e Dedã, mas Társis ele, a partir de algumas identificações bíblicas que falam dos navios dessa nação e das interpretações de alguns “estudiosos da Bíblia” – que não são citados –, entende que seja uma referência à Inglaterra, a grande potência marítima. E os “leõezinhos” seriam os Estados Unidos, Canadá e Austrália: “a referência a ‘leões jovens’ indicaria nações originalmente filhas de Társis, ou seja, da Inglaterra. Portanto, podemos concluir com razão que as democracias oriundas especialmente da Inglaterra estão representadas no versículo 13”

(LAHAYE, 1985, p. 84). Em *Battle for the Mind*, LaHaye (1980, p. 218) reafirma sua interpretação^{viii}:

Além de encontrar indícios da Guerra Fria na profecia de Ezequiel e de achar um lugar para os Estados Unidos na Bíblia, LaHaye, nessa passagem escrita oito anos depois de sua primeira interpretação sobre os “leõezinhos”, insere uma justificativa para a necessidade de uma luta pela alma da nação. Se não há nenhuma referência bíblica sobre uma “decadência moral” dos inimigos de Gogue – poder-se-ia até mesmo advogar o contrário, dado que seriam aliados de Israel – então, a crença na interpretação dispensacionalista pré-tribulacional não seria incompatível com a (re)cristianização da América”. Advogando que a tentativa de invasão de Israel pelos russos será o evento que precederá o período de sete anos de Tribulação^{ix} e o Arrebatamento dos crentes, a fala de LaHaye abre a seguinte perspectiva: os Estados Unidos podem estar gozando de plena saúde espiritual quando do momento da invasão de Gogue a Israel nos últimos dias. Antes do arrebatamento, os norte-americanos podem muito bem estar vivendo em um período de paz e avivamento espiritual em seu país.

III

Sobre possíveis incoerências entre crenças e práticas no protestantismo norte-americano, Commager faz uma interessante observação a respeito das relações entre as doutrinas calvinistas e a crença no progresso e nas capacidades humanas para a construção de um “mundo melhor”, especialmente a partir da virada do século XVIII para o XIX. Para ele, um sistema de crenças que estava fundado numa perspectiva que via o homem como “escravo do pecado” não combinava com o otimismo e a “fé” no futuro glorioso dos Estados Unidos. As práticas e os discursos do século XIX já não refletiam os princípios da teologia calvinista. “Logicamente, talvez, eles deveriam abandonar uma religião que, em flagrante contradição com toda a experiência, ensinava a depravação do homem e a corrupção da sociedade e subordinava esta vida à vindoura”. Entretanto, por mais que o estilo de vida das grandes cidades modernas se tornasse cada vez mais distante dos padrões de moralidade e de consciência da impotência humana frente à total soberania de Deus, as crenças calvinistas e as perspectivas teológicas herdeiras da velha Confissão de Fé de Westminster ainda eram aceitas e vistas como a correta interpretação das verdades do evangelho, especialmente nas *mainline churches*. De fato, “os norte-americanos rejeitaram a aplicação do calvinismo e não a filosofia, as conclusões e não as premissas ou a lógica” (COMMAGER, 1969, p. 174).

A percepção de Commager sobre o ocaso da influência calvinista na vida social norte-americana sem, no entanto, ter sido desacreditada como a correta compreensão teológica dos desígnios divinos, nos oferece uma valiosa perspectiva para a análise de nosso objeto. A busca de uma total coerência entre a adesão a uma doutrina filosófica ou teológica e uma determinada prática que seria logicamente inferida a partir das consequências esperadas de uma determinada crença pode levar a conclusões não respaldadas pela experiência histórica. E, além disso, as pessoas, normalmente, aderem a vários conjuntos de crenças (religiosas, políticas, nacionais, etc.) que, não necessariamente são coerentes entre si, sendo muitas vezes, e em muitos aspectos, contraditórias. A soma de cada um desses conjuntos pode, inclusive, gerar um “choque de expectativas”.

Nosso problema, ao analisar o pensamento de Tim LaHaye, gira em torno da aparente impossibilidade de se compatibilizar uma perspectiva escatológica que advoga a iminência do fim dos tempos e um incontornável processo de degradação da sociedade e das instituições precedendo tal fim com um discurso sobre a necessidade de organização e engajamento político visando a “re-cristianização” dos Estados Unidos e de suas instituições. Por que cidadãos que entendem que seu reino não é deste mundo buscariam ocupar espaços de poder político neste mundo que “jaz no Maligno”? Um aparente “choque de expectativas” entre perspectivas teológicas e políticas. Luminosas expectativas políticas para o país ofuscadas por uma perspectiva escatológica pessimista.

Buscar entender os fundamentalistas dispensacionistas a partir, somente, de suas crenças escatológicas – ou somente a partir de sua *práxis* e discursos políticos – e ver qualquer desvio da “lógica” que delas advém como uma mera incoerência, é um grande equívoco metodológico e mais obscurece do que lança luz para a compreensão do objeto. Como vimos, vários referenciais estão em permanente tensão dentro da lógica fundamentalista.

Inicialmente, podemos dizer que nos Estados Unidos, o pós-milenarismo seria a perspectiva escatológica mais coerente com os mitos políticos da nação, com seu sentido de missão e sua noção de excepcionalidade. Apesar da esmagadora maioria dos fundamentalistas sustentarem uma crença pré-milenarista, eles estão profundamente arraigados numa crença nacionalmente dominante que fala da singularidade e protagonismo histórico dos Estados Unidos e do *american way of life*.

O discurso fundamentalista sempre mencionou a “fé dos nossos pais”, a “herança cristã” do país, etc. Uma idílica *Christian America* pré-existente, ou, ao menos, idealizada pelos Pais Peregrinos, era o padrão e o destino pelo qual a nação deveria se pautar. O pessimismo

escatológico dos fundamentalistas sempre esteve ligado à aparente impossibilidade de resgatar ou estabelecer tal “sociedade cristã”. A vitoriosa “América Secular” foi construída a partir de outros sonhos: sonhos da glorificação do homem e não de Deus. Essa nação contestada pelos fundamentalistas, apesar de seu sucesso econômico e militar, era como, nas palavras da parábola, uma casa edificada sobre a areia, que não conseguiria se manter de pé quando viessem a chuva e os ventos. Mas, partindo dessa percepção, poderíamos nos perguntar junto com Girardet (1987, p. 62): “A ordem que o Outro é acusado de querer instaurar não pode ser considerada como o equivalente antitético daquela que se deseja por si próprio estabelecer? O poder que se atribui ao inimigo não é da mesma natureza daquele que se sonha possuir?”

Nossa hipótese é de que a adesão dos fundamentalistas ao pré-milenarismo, especialmente em sua vertente dispensacionista, foi uma resposta, em termos escatológicos, viável para um grupo que se alimentava do discurso da “crise”. A pregação do pré-milenarismo seria a *jeremiad* do fundamentalismo para uma nação que “perdeu o alvo”. Em contextos onde a decadência da sociedade é vista como irremediável e os sinais da iminência do fim são enxergados em toda parte, a *jeremiad* fundamentalista tende a enfatizar o juízo final e a reforçar a chamada ao arrependimento e à conversão individuais. O mundo, a nação e às instituições estão à mercê da ação demoníaca. Este mundo está destinado à destruição. O presente de apostasia e pecado “apagava” a luz que vinha do futuro e só deixava à vista as densas trevas da punição eterna para um povo que não foi fiel para com seu Deus.

Entretanto, a tradição da *jeremiad* americana, aquela que sempre relembra os norte-americanos da inviolabilidade de sua missão, possui raízes muito mais profundas. O ciclo conservador que se inicia na década de 1970 abre uma “janela de esperança”. Deus permaneceria fiel às suas promessas para os norte-americanos se “o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” (II Cr. 7:14). O sucesso da Maioria Moral e suas vitórias no campo político mudaram o tom da *jeremiad* fundamentalista, especialmente em suas implicações escatológicas. Os arroubos nacionalistas de Tim LaHaye apontam para um “reacender” da luz que vem do futuro e impulsiona os Estados Unidos para seu destino glorioso. E, mesmo nos momentos finais da história humana, tal papel de luzeiro para o mundo deveria ser assumido. O pré-milenarismo seria um discurso apropriado, em determinadas épocas e entre determinados grupos – minoritários e com uma autoconsciência de vítimas ou perseguidos - como um escape para

seus temores e tensões, especialmente o medo quanto à não-realização de sua almejada civilização cristã dentro da história.

Os fundamentalistas, mesmo defendendo, em sua esmagadora maioria, uma postura dispensacionalista em termos escatológicos desde o século XIX, nunca conseguiram se desconectar das raízes pós-milenaristas do “mito da América”. A partir de meados da década de 1980, os estrategistas políticos da *Christian Right* tornaram-se cada vez mais reticentes no uso das teorias dispensacionistas^x. Assim como aconteceu no caso do calvinismo citado por Commager, no qual a teologia continuou sendo aceita, mas ela passou a não ter mais grande influência na vida prática daqueles que a confessavam, os fundamentalistas começaram a sofrer de uma espécie de esquizofrenia escatológica. Continuaram afirmando o dispensacionismo, mas não mais se comportavam como espectadores do desenrolar do cumprimento das profecias. Os discursos de várias de suas lideranças mandavam mensagens por vezes contraditórias. O que parece ocorrer de fato é que mudanças estariam acontecendo no nível prático. A crença pré-milenarista já não vem apresentando as consequências sociais e políticas que a literatura consagrava como características dessa perspectiva escatológica, como o apoliticismo e o sectarismo. Se isso levará, no futuro, a reformulações teológicas entre os fundamentalistas em nome da adoção de uma teologia pós-milenarista, é uma possibilidade, até hoje, em aberto. Se o pré-milenarismo dispensacionalista, característico dos fundamentalistas do final da década de 1960, se apresenta pessimista, é porque o poder, ou a hegemonia cultural, está distante dele e, baseado em seu antagonismo visceral, em poder das forças malignas. O questionamento de tal poder “diabólico” é feito baseando-se em uma forma antagônica de política e de governo. Uma forma que expressaria os valores divinos, um modelo de reino milenar legitimamente cristão. No caso norte-americano, a busca do “paraíso perdido”: o Novo Israel de Deus, a América Cristã, a cidade luminosa no Alto da Colina idealizada por John Winthrop. Sendo a possibilidade do resgate de tal reino algo muito distante e impalpável, tende-se ao pessimismo e à ansiedade para que esse reino seja implantado através de uma interferência divina, dando fim à história e aos governos iníquos. Por outro lado, quando há uma virada nesse quadro, como no início da década de 1980, e grupos que se consideravam marginalizados começam a acreditar na possibilidade de influir de maneira decisiva nos rumos da nação, o pessimismo pode ceder espaço para um discurso que alimente expectativas intra-históricas de resgate do sonho dos *Pais Peregrinos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. A direita cristã e o florescer econômico do sunbelt nos anos 1980. *Revista Cantareira*, nº 18, jan/jun 2013, p. 67-81.
- AZEVEDO, Cecília. Culturas políticas e lugares de memória: batalhas identitárias nos EUA. In: Orgs. AZEVEDO, Cecília [et al.]. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 465-491.
- BERCOVITCH, Sacvan. *The American jeremiad*. Madison: The University of Wisconsin press, 1978.
- BERCOVITCH, Sacvan. A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América. In: SACHS, Viola [et al.]. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 141-158.
- BOYER, Paul S. *When time shall be no more: prophecy belief in modern american culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- COMMAGER, Henry Steele. *O espírito norte-americano: uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- DIAMOND, Sara. *Spiritual warfare: the politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1989.
- FINGUERUT, Ariel. Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 113-155.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. New York: Basicbooks, 1991.
- JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.
- JUNQUEIRA, Mary A. Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano. *Margem (São Paulo)*, n. 17, p. 163-171, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LAHAYE, Tim. *The beginning of the end*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1974.
- LAHAYE, Tim. *Revelation: Illustrated and Made Plain*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975. [Edição original lançada em 1973].
- LAHAYE, Tim. *The battle for the mind*. New Jersey: Fleming H. Revell, 1980.
- LAHAYE, Tim. *No fear of the storm: why Christians will escape all the tribulation*. Oregon: Multnomah, 1992.
- LINDSEY, Hal; CARLSON, C. C. *The late great planet Earth*. Grand Rapids: Zondervan, 1970.
- LINDSEY, Hal. *Satan is alive and well on planet earth*. Grand Rapids: Zondervan, 1972.
- LINDSEY, Hal. *Os anos 80: contagem regressiva para o Juízo Final*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.
- MARSDEN, George M. *Religion and American culture*. 2ª ed. Harcourt College Publishers, 2001.

MARDSEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2006.

MARTIN, William. *With God on our side: the rise of the religious right in America*. New York: Broadway Books, 1996.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 49-79.

POCOCK, J. G. A. America's foundations, foundationalisms, and fundamentalisms. *Orbis*, 49, n. 1, 2004. p. 37-44.

SCHLESINGER JR., Arthur M. *Os ciclos da história americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

WEBER, Timothy. *On the Road to Armageddon: How Evangelicals Became Israel's Best Friend*. Baker Academic, 2004.

WOLJCIK, Daniel. *The end of the world as we know it: faith, fatalism and Apocalypse in America*. New York: New York University Press, 1997.

i Crença de que o milênio ocorrerá somente após a Segunda Vinda de Cristo.

ii Perspectiva pré-milenarista na qual o plano de Deus relativo à salvação do homem deve ser compreendido a partir de uma divisão em dispensações ou sete períodos atestados biblicamente, sendo o último período o reinado milenar de Cristo na Terra. Discutiremos mais detalhes da crença dispensacionalista ao longo do texto.

iii “A conjuntura política e econômica dos Estados Unidos, nos anos 1970 e 1980, criou um terreno ideal para o crescimento de vozes políticas conservadoras. A crise econômica em final dos anos 1970 gerou fortes críticas às práticas econômicas do *Welfare* em diferentes setores da sociedade norte-americana. Somado a esse contexto, percebemos uma aparente desarticulação de vários grupos originados no movimento pelos direitos civis, abrindo caminho para o surgimento de fortes críticas aos resultados das lutas mais progressistas dos anos 1960” (ALVES JR., 2013, p. 69).

iv O arrebatamento (*rapture*) dos crentes, característica marcante do pensamento dispensacionalista, é a crença de que os verdadeiros cristãos que vivessem nos últimos dias seriam assuntos aos céus, sem passar pela experiência da morte. Embora haja variantes sobre como tal fato ocorrerá (analisaremos tais variantes no decorrer do texto), tanto Lindsey como LaHaye acreditavam em um arrebatamento pré-tribulacional, que ocorreria antes da Grande Tribulação que marcaria o reinado do Anticristo na Terra e os grandes conflitos do final dos tempos. Os “arrebatados” retornariam à Terra junto com Cristo após tais acontecimentos para reinar com Ele durante os mil anos e, após esse período, viver eternamente na Jerusalém celestial.

v *Left Behind* é uma série muito popular nos Estados Unidos e também nos ambientes influenciados pelo fundamentalismo protestante ao redor do mundo, inclusive no Brasil. A história é, basicamente, uma interpretação literalista do livro do Apocalipse dentro do contexto geopolítico das décadas de 1990 e 2000. O arrebatamento pré-tribulacional dos crentes ocorre, o Anticristo controla a ONU e cria um sistema econômico global integrado. Enquanto isso, um pequeno grupo de cristãos norte-americanos, que devido à sua falta de fé foram “deixados pra trás” no advento do Arrebatamento, combate as forças do mal, aguardando o desfecho final. Essa série de livros (12 volumes) já havia vendido até 2004 mais de 62 milhões de cópias (MARDSEN, 2006, p. 249). Tal “aventura apocalíptica” ganhou também versões cinematográficas de sucesso e acabou até nas telas dos videogames. Por ser um lançamento posterior ao período definido para o presente estudo, não entraremos em maiores detalhes sobre *Left behind*.

vi Cf. Weber (2004, p. 192).

vii “Today the humanists ridicule the Puritan work ethic, free enterprise, private ownership of land, and capitalism – even though these concepts, which emanated from biblical teaching, have produced the greatest good for the largest number of people in history” (LAHAYE, 1980, p. 39).

viii The Hebrew prophets foresaw a Western confederation of nations that would midly oppose Russia. America, Canada, England, a section of Europe, and Australia form part of that Western confederation. But there is no prophetic requirement that this Western confederation be in a state of moral tribulation before that day – which comes just prior to the tribulation period.

ix Outros autores dispensacionalistas entendem que essa invasão ocorrerá no meio do período da Tribulação.

x Cf. DIAMOND, 1989, p. 135.